

A CULTURA E A MÚSICA BASSARI

Regina Meirelles
reginams@ism.com.br

Escola de Música – Programa de Pós-Graduação em Música – UFRJ
Jean Paul Bacoly Bianquinch

Resumo

Esse trabalho pretende mostrar a cultura de um grupo étnico – os Bassari – do Senegal. A organização social, os aspectos rituais e musicais foram coletados a partir das informações fornecidas pelo músico Bassari - Jean Paul Bacoly Bianquinch, co-autor da pesquisa. Aspectos culturais evidenciam uma sociedade organizada hierarquicamente, existindo uma educação diferenciada para homens e mulheres em todos os níveis da vida social. Os conhecimentos são adquiridos a partir de uma vivência comunitária, controlada pelos mais velhos. A música e a dança são elementos marcantes na cultura Bassari, não somente nos rituais, mas como forma de entretenimento. As características musicais demonstram ligações com o universo musical do jazz e do samba.

Palavras - chaves: Bassari – Cultura - Música

Abstract

This study intends to present the culture of an ethnic group- the Bassari – from Senegal. Its social organization, ritual aspects and music were collected through the information of the Senegalese musician Jean Paul Bacoly Bianquinch – co-author of this study. Cultural aspects show an hierarchic society with a different kind of education for men and women in all levels of social life. Knowledge is achieved through a communitarian way of life, controlled by the oldest. Music and dance are remarkable elements of the Bassari culture, not only in rituals but also as a form of entertainment. Musical characteristics evidence links with the musical universe of jazz and samba.

Key-words: Bassari – Culture - Music

Os Bassari vivem no oeste da África, no Senegal. A história demonstra que vieram da Guiné Conakri, país vizinho, onde viviam seus antepassados. A vinda desse grupo étnico para o Senegal deu-se pela necessidade de manter seus costumes e sua cultura, consideran-

do que a população da Guiné é majoritariamente muçulmana e os Bassari não professam essa religião. Migrando para o sudeste do Senegal, puderam manter seus valores culturais, recusando a integração religiosa imposta pelos muçulmanos, que os impediam de conservar seus valores éticos e sociais, para eles, extremamente preciosos.

A maioria dos Bassari vive em aldeias distribuídas em uma grande área, na região de Tambacounda. Lá existem mais de cem aldeias desse grupo étnico. Ficam a uma distância de 15 a 40 km uma das outras e o meio de transporte mais comum é a bicicleta, ou a caminhada.

Os Bassari vivem em torno de um chefe da aldeia escolhido pelos habitantes do vilarejo, ou recebido, como herança, de um parente materno próximo. Mesmo assim, deve ter seu comportamento pessoal avaliado pelos habitantes locais. Os bairros ficam a uma pequena distância do centro da aldeia, onde se encontram as casas comunitárias e se realizam as festas tradicionais.

Sua maior atividade econômica é a agricultura e a criação de gado. As principais culturas encontradas nas aldeias são: milho, amendoim, arroz, feijão, batata doce e frutas. Morando afastados, têm condição de preservar uma larga faixa de terra, recebida como herança de seus antepassados, que lhes proporciona condições ideais para o desenvolvimento de suas atividades de subsistência, garantindo a sobrevivência do grupo.

A Vida e a Cultura Bassari

As informações etnográficas do texto nos foram repassadas pelo músico bassari Bacoly Bianquinch que vive há 5 anos no Brasil, com quem estabelecemos os passos iniciais dessa pesquisa.

Os Bassari possuem características culturais bastante distintas de outros grupos étnicos africanos. A etnia Bassari é classificada a partir dos sobrenomes, todos iniciados com a letra **B**: BINDIA, BOUBANE, BIANQUINCH, BANGAR, BIDIAR, BIESSE, BONANG. Nessa etnia existem somente sete famílias e esses nomes são encontrados em todas as aldeias Bassari. Possuem também sete prenomes que identificam a ordem de nascimento dos filhos de ambos os sexos.

A vida social Bassari é comunitária, sendo estruturada por grupos, de acordo com a idade. Existe uma hierarquia onde os mais novos obrigatoriamente devem respeitar e obe-

decer aos mais velhos. A base da educação e da aprendizagem desse grupo é realizada nas casas comunitárias, onde se agrupam por sexo e idade. Essas comunidades ficam no centro das aldeias, ao lado da casa do chefe. São grandes construções que abrigam aproximadamente 60 a 80 jovens, agrupados por faixa etária. Inicia-se a vida grupal aos 12 anos de idade. A casa comunitária tem como função principal criar uma vida em grupo e responsabilizar-se pela educação de base. Nessas casas, a prática musical, a dança, o escotismo, os trabalhos campestres e os costumes sociais são desenvolvidos.

A casa comunitária é dividida em três partes distintas, de acordo com a faixa etária : 1) Casa das Crianças – denominada *Odoumouta* – para rapazes de 12 a 18 anos ; 2) Casa dos Médios – denominada *Odougou* – para rapazes de 18 a 24 anos ; 3) Casa dos Mais Velhos – chamada *Opalougou* – para os homens de 24 a 30 anos.

Cada classe de idade possui obrigações específicas. São tarefas dos mais jovens: procurar água, coletar madeira e acender o fogo, limpar a casa comunitária, entregar correspondência nos bairros da aldeia etc. As obrigações comunitárias são independentes de suas obrigações escolares. Os jovens freqüentam a escola da aldeia, retornando à casa dos pais após as aulas. Vivem com a família, mas à noite se deslocam para a casa comunitária onde aprendem suas tarefas e pernoitam, retornando às suas casas pela manhã.. A disciplina na casa comunitária é severa. Cabe aos superiores de cada classe de idade estabelecer tarefas, normas e punições, conforme a faixa etária ou o tipo de erro cometido.

Para passar de uma classe a outra existem rituais de passagem obrigatórios, tais como a circuncisão e outros ritos. A etapa de iniciação é bastante difícil na vida de um jovem, porque todas as descobertas que fazem parte do ritual devem ser guardadas, como um segredo, até o final de suas vidas. Após a iniciação, o grupo é ordenado na classe de *Odougou* percorrendo uma etapa de seis anos até poder entrar em outra classe superior denominada *Opalougou*. A cada seis anos o iniciado, antes de ser promovido à outra classe, cumpre certos ritos obrigatórios.

A Iniciação

A vida de um Bassari é marcada pela iniciação. Deseja-se ser respeitado e conservar seus valores culturais, deve cumprir seis obrigações ou rituais de passagem. A iniciação inicia-se com a circuncisão. Normalmente ocorre no período de 10 aos 18 anos, sendo um ato voluntário, solicitado aos pais. Não há uma pessoa específica encarregada de realizar a

circuncisão nos jovens. Qualquer um com experiência pode fazê-lo; mas é um ato doloroso para os rapazes, que não devem chorar. Os pais fazem uma festa com muita comida e bebida para comemorar essa etapa inicial da iniciação.

Para a refeição dos convidados é necessário grandes provisões de arroz, farinha, milho, amendoim, feijão, «fonio» (um tipo de cuscuz marroquino), carnes diversas, além da cerveja, feita de milho, de cana de açúcar ou de mel. A festa se estende por uma semana, e os pais dos jovens iniciados devem alimentar seus convidados enquanto esta durar.

Todos os novos iniciados possuem uma vida diferente dos outros jovens porque realizam atividades relacionadas a trabalhos não-habituais exigidos pelos mais velhos. São responsáveis pela procura dos materiais relacionados à confecção das máscaras que deverão utilizar durante o ano. O material das máscaras é sagrado e interdito às mulheres que não podem se aproximar desses objetos rituais, ficando, portanto, os jovens iniciados encarregados de sua manipulação, em lugar secreto.

Ao entrar na nova classe (*Odougou*), o iniciado tem como atividade os trabalhos obrigatórios da comunidade. A cada estação de chuvas organizam o mutirão de ajuda às famílias necessitadas: fazem plantações, colheitas, trabalhos campestres. Entretanto, as famílias devem remunerá-lo com 30 kg. de milho por toda jornada de trabalho. Costumam organizar uma festa (*Appenanne*) onde dançam e cantam as músicas de sua classe de idade. É nessa festa que dançam o *Akhoré*, ocasião em que cantam e falam em uma língua diferenciada da linguagem usual. Os Bassari possuem três línguas diferentes: *oniane*, *engatelékhé* e *ekoré*. Falam o *oniane* no dia-a-dia. O *engatelékhé* é a linguagem dos recém- iniciados, pelo período de um mes .O *ekoré* é a língua falada e cantada em certas festas, como em *Appenanne*, e na dança *Akhoré*.

Opalougou é a classe seguinte, onde os homens a partir de 25 a 27 anos fazem todos os serviços que os velhos da aldeia necessitam. Existem também as exigências e tarefas específicas dessa nova classe, que deverão ser executadas antes que se possa passar à classe superior.

A classe subsequente *Odiare* é considerada de arbitragem, sobretudo em relação às outras classes de idade: classe dos bombeiros, de comando do escotismo, sendo muito respeitada por sua responsabilidade. Os indivíduos da aldeia estarão sob sua supervisão e, se necessário, punidos de acordo com regras grupais.

Ritos Femininos nas Casas Comunitárias

As mulheres têm costumes e ritos próprios. Sua inserção nas casas comunitárias é de grande importância para a comunidade, pois é a partir dessa convivência que elas conhecem e estudam a vida Bassari, em toda a sua plenitude: suas regras, a prática das danças e rituais, os comportamentos sociais, os trabalhos campestres, os costumes grupais, as práticas e interdições sexuais, que envolve *Obagne* - a severa vigilância da vida sexual feminina. Outra interdição imposta às mulheres denomina-se *Apenane* - proibição de se aproximar das máscaras e dos mascarados, sob risco de duras punições, além de colocar em jogo a própria vida.

A classe inicial é *Ododougou* composta de jovens de 8 anos até a idade da iniciação. Nela, as jovens compartilham os deveres sociais com os rapazes da mesma faixa etária. A iniciação das mulheres ocorre entre os 15 e 17 anos. Os ritos femininos obrigatórios são : a excisão, o comportamento social e a capacidade de guardar ensinamentos que lhes forem confiados. A excisão é feita nas jovens pelas mulheres mais velhas com habilidade para executá-la. Também se oferece aos parentes e amigos uma festa para marcar esse ritual.

Após a iniciação, a jovem passa à classe *Odé bathia*. Os ensinamentos dessa classe não podem ser transmitidos aos homens, podendo ser compartilhados somente com as mulheres que já passaram por certos ritos. A grande tradição feminina dessa fase é *Dianilémo*. Em *Dianilémo* as mulheres têm a obrigação de realizar trabalhos específicos na lavoura, em tempo integral, pelo período de um mês. As mulheres que se recusam a fazê-lo não são excluídas de seu grupo, mas não serão promovidas à classe de *Odepeká*. Não terão o poder de comandar outras mulheres e certos lugares não serão franqueados a elas, sendo sua vida muito limitada em relação à vida tradicional das mulheres iniciadas. *Dianilémo* se passa na faixa etária dos 20 aos 27 anos, podendo ser a mulher casada ou não. O fato de ser casada não a exime de suas obrigações rituais.

Odepeká é a classe subsequente e *Okhamaná* é outra obrigação dessa classe que permite às mulheres assumir posição de comando e de grande responsabilidade na comunidade. É uma classe de arbitragem equivalente à classe masculina *Odiare*, que regulariza os problemas do comportamento feminino na aldeia. A faixa etária de *Okhamaná* é de 40 a 48 anos. As atividades dessa fase são bastante difíceis para as mulheres que executam inclusive tarefas de enfermeira, parteira etc. Essa classe possui uma das mais belas danças tradicionais femininas: a dança *Orepeká* feita com as máscaras *Odoukoutá*.

O Casamento

O casamento é muito importante no contexto social da vida Bassari. Existem vários tipos de casamentos : por herança, por escolha dos pais e aquele realizado por vontade própria.

No casamento por herança, o homem pode herdar a esposa do tio, do irmão ou do primo falecido. Nesse caso o herdeiro tem obrigação de cuidar da família do parente falecido, podendo ou não habitar na mesma casa. A esposa terá sempre que consultá-lo sobre qualquer decisão familiar. Se a viúva quiser, o homem poderá manter com ela relações sexuais, se assim o desejar. Herdar não é uma decisão pessoal do homem e sim uma decisão estabelecida por concordância entre os parentes envolvidos. O sobrinho tem prioridade de herdar os bens e a família de seu tio morto, mas cabe à família do falecido, escolher (se houver mais sobrinhos) quem deverá herdá-la. O herdeiro é escolhido em função de seu comportamento social e da capacidade de manter a segurança da família assumida. Os bens materiais do falecido permanecem igualmente no meio familiar, garantindo a sobrevivência material do grupo.

O casamento por escolha dos pais está praticamente em extinção entre os Bassari. Em épocas passadas os rapazes aceitavam tomar por esposa uma jovem escolhida por seus pais. Essa escolha era feita logo que a criança nascia, baseada no julgamento do comportamento demonstrado pelos pais e parentes dos jovens, possibilitando firmar compromissos entre famílias que se estimavam e respeitavam.

O casamento por escolha própria, normalmente entre jovens, estabelece um longo procedimento entre as partes envolvidas. Há uma consulta entre as famílias sobre todos os problemas anteriores que possam ter conseqüência direta no casamento (dívidas dos pais, doenças familiares, comportamentos inadequados etc.). Após o acordo dos cônjuges, o pai do jovem pede a mão da moça em casamento para seu filho e pergunta se ela está protegida pelos «protetores» - as máscaras de *Loukouta*, *Boukhoré*, *Boulongothie* ou *Édache*. Se a menina, durante a infância, foi uma criança doentia, os pais certamente pediram ajuda aos «protetores» para curá-la. Esse fato é considerado positivo pela comunidade, que vê a jovem como protegida pelas entidades superiores. Uma festa de agradecimento deve ser organizada pelas famílias dos cônjuges, que oferecem comidas, bebidas e sacrifício de animais aos «protetores».

Os pais da noiva pedem à família do noivo um sinal do dote que será recebido mais tarde. A quantia do dote é fixada em função do dote que foi oferecido à mãe da noiva. Não poderá ser pedido um dote superior ao dote recebido pela mãe. Se os pais do noivo não puderem pagar o dote estabelecido, a esposa não será reconhecida como legítima, mesmo tendo filhos. Segundo a lei Bassari, o dote é que legaliza o casamento.

A Vida em Família

O homem Bassari é polígamo na sua história. Ele possuía até 6 mulheres e tinha muitos filhos. O interesse maior era possuir uma grande família de até 20 filhos, a fim de se ajudarem mutuamente e garantir a sobrevivência do grupo. Para compreender esse fato é importante lembrar que os Bassari sempre viveram em comunidade - o que facilita a convivência familiar. A casa é construída de forma circular, existindo para cada esposa um quarto e salão próprios, procurando-se manter a privacidade de cada uma. Geralmente o marido dorme duas noites com cada esposa, iniciando sempre pela mais velha. O marido possui o comando da família, mas em sua ausência, a esposa mais velha assume essa responsabilidade.

Para se casar com uma segunda mulher, o marido pede o consentimento da primeira esposa. Ela normalmente consente. Com a segunda esposa irá dividir todas as tarefas da casa, dos filhos e da família. A mulher não tem direito de possuir outros homens e, se não se comportar de acordo com as leis sociais, poderá sofrer punições físicas ou ser abandonada.

A Música e a Dança Bassari

A música Bassari é animada por vários tipos de instrumentos musicais como a flauta, guizos de ferro de diferentes tipos, cabaças, tambores, que podem acompanhar o canto vocal, juntamente com as palmas. A música está intimamente relacionada à dança. Não existe música para ser simplesmente ouvida e apreciada. Ela será cantada ou interpretada instrumentalmente, mas sempre aliada à dança.

Cada classe de idade possui músicas e danças próprias. Assim, na classe de Loumouta existem músicas e danças como *Opimbi*, *Oloumouta*. Do mesmo modo existem músicas e danças essencialmente masculinas ou femininas. Nas festas de iniciação dos homens, as

danças são sempre masculinas; por sua vez durante as festas de iniciação das mulheres, as danças são sempre femininas, como a dança *Dianilemó*. Fora das festas de iniciação pode-se encontrar danças mistas. O canto vocal remete para o padrão de Chamamento e Resposta, freqüentemente encontrado entre tribos africanas. Há um cantor que inicia o Chamamento e um coro que entoa, em uníssono, a Resposta.

A pulsação da música Bassari dançada é dada pelos pés. Os pés marcam a pulsação básica, e serão acompanhados pelos tambores. Se os movimentos do dançarino se apressarem, a canção fica mais rápida. Se algum(a) dançarino(a) entrar na dança com movimentos de pés ainda mais rápidos, os percussionistas terão que adequar suas batidas ao ritmo proposto pelo dançarino(a) em questão. Se uma canção é somente cantada, as palmas ou qualquer instrumento podem marcar a pulsação, caracterizando uma linha-guia rítmica. Não há na canção ou na dança uma medida definida de pulsação; pode ser uma pulsação binária ou ternária e o cantor ou percussionista vai se adequar ao ritmo proposto pela batida dos pés ou da mão. Isso significa dizer que não há compasso estabelecido a priori, como na música ocidental.

As músicas são curtas e repetidas, pois precisam ser fáceis para facilitar a memorização, a movimentação e a aprendizagem por parte dos outros cantores e espectadores. Se esta for longa e complexa, eles não conseguirão cantá-la e dançá-la, pois a memorização – base da aprendizagem musical – seria dificultada. Podem, entretanto, modificá-las ligeiramente, criando variantes sonoras ou passos diferenciados. A duração de uma dança depende do interesse que a composição desperta no grupo. Se ela for bem aceita, podem dançá-la por 30 ou 40 minutos. O mesmo procedimento acontece com as canções, que podem ser várias vezes repetidas, em outro momento de uma mesma noite ou de uma mesma festa.

Não há preparação prévia de repertório. Cada participante pode relembrar e pedir aos instrumentistas uma música associada ao mesmo ritmo ou mesmo tipo de dança, que será executada, substituindo uma outra canção, já solicitada por outra pessoa. Há uma interação participativa entre músicos, dançarinos e platéia. Não há uma medida ou maneira certa de entoar ou dançar uma canção. Cada cantor ou dançarino pode executar a música no seu ritmo próprio e os instrumentistas devem-se ajustar a esse ritmo. Mantém-se o mesmo ritmo até que outro dançarino ou cantor venha propor outro padrão ou ritmo diferenciado.

Os tambores não propõem ritmos. Eles somente acompanham o ritmo do dançarino ou do cantor. De modo geral os instrumentos só fazem sua entrada após o cantor e/ou dançarino iniciar sua apresentação.

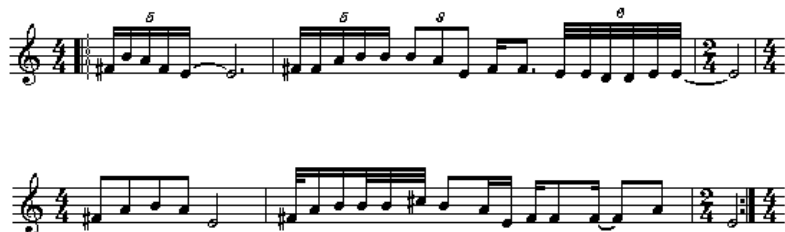
As danças possuem indumentária própria e diferenciada, tecidas com materiais diversos, principalmente folhas. Confeccionam as máscaras que portam os «mascarados», que são entidades intermediárias entre os espíritos e os homens. Os «mascarados» acompanham os trabalhos agrícolas cantando canções de trabalho para amenizar o fardo das tarefas diárias. Não devem ser reconhecidos pelas mulheres e com elas só podem falar utilizando a «voz de água», ou seja, uma voz modificada, gutural, de timbre diferenciado. Costumam cantar e dançar por três dias, parando para comer ou dormir, mas sempre deixando um substituto em seu lugar para entoar as canções. São muito valorizados na cultura Bassari, não só por suas habilidades de grandes cantores, mas por atraírem para seu campo agrícola várias pessoas interessadas em ouvi-los, aumentando o número de trabalhadores no local e garantindo uma maior produção.

As canções compostas por Bacoly são, em grande maioria, pentatônicas, baseadas nas escalas pentatônicas usadas freqüentemente na improvisação jazzística. Normalmente as músicas não passam pela sensível, podendo algumas vezes ser consideradas modais, mas como não apresentam todos os graus das escalas, foram analisadas como canções baseadas em escalas pentatônicas, nas quais se encaixam perfeitamente. Algumas composições do músico senegalês possuem nítida influência de cantos religiosos ocidentais, considerando que o autor foi educado na igreja católica e passou grande parte de sua vida exercendo função de catequista e organizador do coral na Igreja de Saint Pierre Claver, em Tambacounda.

Observando a canção *Moi et la Nostalgie* percebe-se a tonalidade de dó menor, sendo a pentatônica de Mi bemol, a escala básica utilizada:



Na composição *Le Soif de Dieu* sente-se uma tonalidade de si menor, como demonstram seus primeiros compassos, mas a escala utilizada é a pentatônica de si menor ou mesmo a pentatônica de Ré maior:

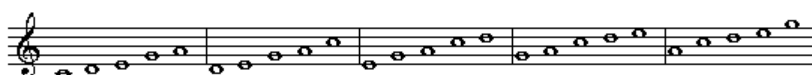


A canção *Dieu est Bon* apresenta-se com base nas escala pentatônica de Sol maior:



As escalas pentatônicas, como as utilizadas no jazz, são constituídas de cinco notas formando segundas maiores e terças menores. Assim, dentro da escala existem dois intervalos de 3ª dentro da oitava, desaparecendo as notas atrativas do 4º e 7º graus da escala diatônica. Por essa razão as escalas funcionam como acordes, podendo ser invertidas. Cada pentatônica possui cinco possibilidades de inversão, que são muitas vezes referidas como modos :

modo I modo II modo III modo IV modo V



A canção *Moi et la Nostalgie* inicia-se com a nota dó estando, portanto, no modo V – a última inversão da escala pentatônica de Mi bemol. A escala pentatônica da canção *Le Soif de Dieu* funciona como um acorde de Bm7 adicionado da 9ª maior e da 11ª. A análise

funcional dessas composições senegalesas revela uma ligação bem próxima às análises jazzísticas, considerando as variações e improvisações presentes nas duas culturas musicais e a base harmônica por elas explicitadas. Esse será o ponto de partida para novos estudos que pretendemos realizar.

Bibliografia

AGAWU, Kofi. African Rhythm. Cambridge University Press, Great Britain, 1995.

RICKER, Ramon. Pentatonic Scales for Jazz Improvisations. Studio Publications Recordings, Indiana, USA, 1975.